

Dirceu Villa

Como você pensa a relação entre o tempo literário e o tempo histórico?

Tempo histórico é o que nos faz acordar de manhã na hora certa para o trabalho, e o que serve para preencher atas de reuniões pelo sentido horário do relógio. Fixar datas em calendários.

O literário abre uma fenda onde a percepção focalizada reelabora a vida para sugerir novas perspectivas de compreensão dela, tão válidas ou mais que as ordinárias.

Se você não acredita em mágica, não acredita em literatura, e eis por que as coisas começaram a desandar depois do assassinato de Pico della Mirandola.

Quais procedimentos sua obra adota diante de um mundo em que predominam a ação econômica e a espetacularização da arte?

Diante da ação econômica, minha obra adota a formação em tartaruga, como era tática do exército romano quando o ataque vinha de toda parte.

Gostaria que realmente houvesse algum espetáculo, porque não vejo nenhum. Vejo apenas a repetição maquinal e em estado bruto da vida mesquinha de gente que não vive nem pensa.

É monótono, tedioso e não permite alguma catarse, de que a gente supõe precisar.

Qual reflexão sua obra produz sobre a tradição literária brasileira?

Uma obra de alguma importância desenvolve no público-leitor certa sensibilidade estética. Normalmente faz com que ele questione o que é servido como prato feito literário. Espero que espete no leitor essa curiosidade jovial.

Lemos mal a tradição. O melhor é sacrificado, no Brasil e em Portugal, em favor da mania do típico de “períodos literários”, porque a gente não tem critérios e não se preocupa em desenvolver alguns. É o lema “ai, que preguiça” do Macunaíma, que devia estar no lugar do positivista “Ordem & Progresso”.

A melhor antologia de poesia portuguesa, por exemplo, é o inglês *Oxford Book of Portuguese Verse*, da década de 1940, e é ocioso dizer: “insuficiente”. Estou estalando os dedos para tentar nos tirar dessa hipnose.

Como você pensa a forma literária?

A forma seria, de um modo ideal, a sua mente, a assinatura da sua inteligência. Não “inteligência” separada dos sentidos, como um romantismo qualquer nos terá feito tortamente acreditar. A apreensão viva de uma coisa exige também os nossos miolos.

Como um nadador ou uma nadadora, para quem a água é artificialmente uma extensão de seus corpos, assim a arte. O objeto mágico, como sabia o sábio Joan Brossa.

Dirceu Villa (1975) é autor de *MCMXCVIII* (Badaró, 1998), *Descort* (Hedra, 2003) e *Icterofagia* (2008). Escreve desde 2004 sobre poesia e arte para a revista virtual *Germina Literatura*. Traduziu e anotou *Lustra*, de Ezra Pound (2004, inédito) para o mestrado em literatura na USP. Prefaciou os *Contos indianos*, de Mallarmé (2006), *Fausto*, de Christopher Marlowe (2006) e *O spleen de Paris*, de Baudelaire (2007), todos pela Hedra. Adaptou a *Iliada*, de Homero (Escala, 2005).